



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma; Gerásio Lobato; D. G. Torreão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thoma Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Camillo Castello Branco*, (continuação), por Alberto Pimentel;—*Montem e hoje*, soneto, por Custodio Guimarães;—*Os dois cegos*, conto, por Eugenio de Castro;—*Um esboço de tragedia* conto, trad. de D. Guilomar Torreão;—*Soneto moderno*, por Silva Ferraz;—*A Serpente*, conto, (conclusão), por Eduardo Sequeira;—*As violetas murchas*, conto, por Armando da Silva;—*Serenata*, versos, por Magalhães Fonseca;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempo*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A Maria do Rosario*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—José Rodrigues;—*O mosteiro de Troitzkoi, na Russia*;—*Os traficantes de condecorações em Paris* (*O general Caffarel, Madame Limouzin e Madame Ralazzi*);—*Modas*;—*Almirante Jauréguiberry*.

CHRONICA

Nem Bonga já se pode ser. Nem Bonga!

Houve comtudo um tempo em que a aventesma aterradora d'esse homem teve além mar tanta importancia como em Belem pode tel-a o sr. Pedro Franco, cuja eminencia, entretanto, nos continua a assombrar, em duas vidas, por cima de uma pharmacia.

O Bonga, na sua aringa, teve mais força e mais coragem do que tantos e tantos ministerios que em Portugal morreram d'anemia, ao passo que elle, o terrivel, pelos sertões africanos, ria a bom rir das perseguições patuscas que nós outros de quando em quando lhe mcviamos.

Fez o que quiz e sobejou-lhe tempo. Dá-lhe porém a macaca, e prompto, eil-o que tomba assassinado ás mãos não sei de quem, fatalidade que, logo em seguida, lhe veio a ser aggravada pelo desastre irreparavel de cahir em poder das auctoridades portuguezas. E, sem mais tir te nem guar-te, deram-lhe voz de preso, ao morto.

Em circumstancias d'estas nunca se admitte fiança. De resto, a calcular pela raiva que estão manifestando contra o pobre Bonga, visto que lhe apanharam o cadaver, são até muitissimo capazes de o queimarem vivo.



JOSÉ RODRIGUES

Pelo sim, pelo não, é comtudo prudente deixar de remissa a morte do homem, emquanto a certidão do obito não chegar ao continente. E' necessario não confiar em demasia nas patranhas do telegrapho, que ora

diz, ora desdiz, mas que, em qualquer dos casos, mente.

Agora mesmo, estava Macau sendo bombardeada pelos chinezes, ao mesmo tempo que em toda a provincia reinava o maior socego. Ou os macahistas são surdos, ou o bombardeamento foi de folhinhas de chá. E sinto-me até muito disposto a não morrer de espanto, se dentro em breves dias alguma agencia propalar a conquista do Imperio Celeste pelo sr. Bernardo Pindella, que foi em caminho de Pekin, pelas *Novidades fóra*, e que, na presente conjuntura, deve estar voluptuosamente reclinado nos braços de alguma chineza que lhe tenha prestado a chave do mirante, no interesse de fazer estudos comparativos entre a raça dos mandarin e a nossa. Representados pelo sr. Bernardo Pindella, não corremos, n'esta parte, o mais pequeno perigo. Os mandarin, coitados, estimariam bem mais que lhes tivessemos enviado, como plenipotenciario, o general José Paulico.

Estas divagações pelo estrangeiro fazem talvez supor que, para cá da fronteira, não acontece já cousa que preste. Não é tanto assim.

Eu sou, diga-se a verdade, um quasi nada insensível ao movimento politico dos nossos tempos. Acresce a esta circumstancia o facto de eu mal ser dado á leitura, e de só raramente arrostar uma noite de theatro.

Isto porém não me auctorisa a contestar ás coisas a importancia que lhes é propria, nem sequer evita que eu prometta cinco reis ás almas para que os diversos assumptos tomem logar na chronica e me ajudem, portanto, a dal-a ao diabo.

O programma do sr. Barjona é, por exemplo, um bello trecho para dez minutos de palestra. A fundação da esquerda dynastica de sua excellencia é incontestavelmente de todo o ponto vantajosa para a rapaziada, a quem não fica bem o excesso de monarchismo, e que entretanto se inteira de como a republicaneira sahio de moda, chegando mesmo a não ter já graça nenhuma.

O sr. Barjona, já se sabe, promette lindas coisas, e, á proporção que o seu partido cresce, faz calculos empiricos sobre as probabilidades que tem de attingir as cumiadas da governação, onde demonstrará que tem muito bom senso, o que o inibe conscienciosamente de fazer caso do que promette.

Pelo seu lado, trata o sr. Antonio Ennes da criação de uma cutra esquerda, muito mais esquerda de que a outra, onde recebe da melhor vontade todas as opiniões mais ou menos progressistas que se acham espalhadas pela superficie do globo, e que, acoitadas sob o estandarte da independencia, poderão desenvolver-se n'uma communhão partidaria que tem de se chamar—Salada monstro.

Encorporar-se ha n'este partido o sr. José Luciano, se continuar a dar-se mal com o sr. ministro da fazenda; no caso contrario, é o mesmo. Pode tambem o sr. Mariauno ser recebido no gremio, mediante o juramento solemne de fazer apenas tudo o que quizer. O sr. Filipe de Carvalho, visto que possui a lingua mais independente dos tempos modernos, está incluído. O missionario Le Serre, atacado como está de monomania religiosa, que é uma opinião, viverá na comunidade, contando que se não arrependa do sopapo com que presenteou o dr. Monton, nem nunca os dê em si mesmo, casos em que seria excluído pela seguinte sentença:—E' tolo.

Para evitar conflictos, não poderão ser recebidos, no seio d'este partido, nem policiaes, nem guardas municipais. Estes cavalheiros inscrever se-hão no partido regenerador, que é o da ordem.

Alheio ás luctas da politica, desce inflexível o inverno, apenas ligeiramente perturbado pelo bom sol de

São Martinho, santo advogado dos frequentadores da Adega dos Frades, que lhe agradecem entoando psalmos, cujas derradeiras notas vem a cahir de papo nas pedras da calçada, à *la belle étoile*, na noite de 11 de novembro.

Todos os annos a inverno se interrompe n'este ponto, em favor da borracheira. Volta em seguida aquella chuva meudinha que nos macera a paciencia durante dias inteiros, dando logar a que, na baixa, muitas meninas elegantes, para pouparem da lama a fimbria do vestido, ostentem, á nossa vista pasmada, sapatos verdadeiramente indscriptiveis, á força de cambados, de exquisitos, de hediondos! Em compensação, ha felizmente algumas que teem muita opinião nas botas.

O inverno concentra sempre na capital tudo o que ha de melhor pelas provincias. O resto do paiz, por esse tempo, fica sujeito ás correrias dos salteadores que, como em Ancora, fizeram ainda ha pouco, assaltam o lar das familias, saqueando, espancando, um delirio!

O caso de Ancora foi curioso. Os assaltantes, que foram seis, todos na força da juventude, viram-se apertados na sua empresa. Aos gritos dos assaltados, acudiu immediatamente a vizinhança, homens e mulheres, todos armados de ponto em branco, e de tal maneira se houveram, que não houve remedio senão tosal-os tambem. Dois dos vizinhos, o sr. Florindo Esteves Conde e sua esposa, que tinham comparecido valorosamente no local, levando ambos uma espingarda, o que corresponde a meia espingarda por cabeça, tiveram necessidade de voltar costas, por desprezo, ao inimigo, refugiando-se de novo em seus penates, onde ainda assim foram perseguidos pelos meliantes, que não respeitaram o sr. conde, nem mesmo sei como se portaram com a sr.^a condessa.

Tres dos bandidos são evidentemente epilepticos, que receberam pela força invencível da hereditariedade o amor que dedicam á costa d'Africa. São elles o Sebastião, cujo avô materno morreu n'aquellas paragens, e Antonio e José Maria, filhos de Amaro d'Oliveira, que tambem já para ali foi enviado como representante da metropole.

Isto em Ancora. Em Lisboa, transfiguram-se as creadas de servir em protagonistas de tragedia, como aquella que, de um segundo andar, se lançou sobre a calçada, pela simples razão de lhe querer a mãe impingir um noivo da sua predilecção em troca d'outro que a filha preferia.

A origem plebêa da rapariga foi portanto compatível com aquelle heroico desprendimento de sacrificar a vida a um affecto, coisa que já não succede n'estes tempos entre nós outras, donas de sangue azul. De fidalgas sei eu que, em face do cadaver do primeiro noivo, acceitavam a côrte ao noivo definitivo. E hão-de ser felizes, hão-de ter ao seu serviço, na cosinha, caracteres incomparavelmente mais nobres, como esse da desgraçada pequena cuja alma se ergueu serenamente ao ceu, sem a presença da policia, que, felizmente, não ousou bulir-lhe no cadaver, nem mesmo para o erguer do chão, onde, ao ar livre, esteve por largo tempo exposto.

A policia tem mais em que empregar o tempo. Essa caterva d'imbecis e de brutos, que anda á solta nas ruas da cidade, aos encontrões á gente, tem, no movimento da nossa civilização, outro papel a representar, mais bestial, mais seu. Está encarregada de demonstrar que não ha nada mais perigoso do que tornar de certo modo irresponsavel, mediante o exercicio da auctoridade, um irracional qualquer, por muito que elle apparente a configuração humana. Mas está provado. Pague-se mais, portanto, e tenha-se melhor.

Um dia virá em que a policia fique definitivamente entregue a gente seria, ministros d'estado honorarios, bachareis, etc.

JOAQUIM LIMA.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Apontamentos para a sua biographia)

(Continuado do numero anterior)

O sr. Franco Castello Branco:—Pouco tempo tomarei á camara. Mas, tendo assignado, e muito espontaneamente, o projecto que se discute, visto o caminho que as cousas levam, entendo do meu dever confessar os motivos por que o fiz.

Não nos alonguemos em dissertações quanto á missão que aos parlamentos incumbe desempenhar. Lamentemos antes cheios da mais profunda tristeza, que n'esta manifestação de respeito e admiração por um dos mais prestantes cidadãos d'este paiz, se tenham feito ouvir discordancias censuraveis. (Apoiados.)

Nunca me passou pela lembrança, que tal podesse succeder. (Apoiados.)

Eu disse «um dos cidadãos mais prestantes do paiz» e muito intencionalmente, porque considero a lingua um dos elementos mais primordiales e fundamentaes para a existencia de uma nacionalidade. (Apoiados.)

E eu sei que na actualidade nenhum dos nossos escriptores, mesmo dos mais distinctos, se póde julgar offendido ou aggravado com a affirmação de que entre elles nenhum existe, que tanto haja feito pela lingua patria, como Camillo Castello Branco. (Apoiados.)

Para mim, repito, a lingua é um factor e uma força social de primeira ordem. E por isso de ha muito considero, que João de Barros e frei Luiz de Sousa não foram menos no desenvolvimento e na vitalidade da sociedade portugueza do que os conquistadores da Africa e da India. (Apoiados.)

E por esta fórma o facto recae legitimamente sob a missão do parlamento, que não póde ter expressão mais honrosa, nem emprego mais nobre da sua actividade e da sua força, do que decretando a glorificação de um homem tão eminente como Camillo! (Apoiados.)

O parlamento aproveita assim a occasião, em que outro poder do estado julgou do seu dever honrar e distinguir, por um dos meios em uso no nosso tempo, o maior dos escriptores portuguezes da actualidade, e collabora com elle em tão merecida homenagem.

Eis o fim a que visava o projecto de lei em discussão.

Só este intento moveu os signatarios e apresentantes.

E lembrando ao parlamento esta obrigação, porque o é, ao parlamento em que mais directamente deve palpar o sentimento da nação, pareceu-me e parece-me ainda que somos antes credores de agradecimento do que de censura. (Apoiados.)

Por isso não me arrependo do que fiz, e bem ao contrario penso, que decorridos vinte ou trinta annos, arrependidas as crenças e mortas pelas desenganos as paixões politicas, quando eu perpassar pela imaginação tudo o que n'esta minha primeira campanha parlamentar hei passado e hei feito, talvez nada me dê tanto orgulho nem tamanha consolação, como o haver iniciado esta gloriosa manifestação, e ter combatido pela grandeza nacional do maior escriptor do meu tempo.

Vozes:—Muito bem.

O sr. Elvino de Brito:—Não desejo discutir o projecto, e pedi a palavra simplesmente para declarar que, não concordando com a doutrina n'elle consignada, voto contra.

Nem a brilhante oração do meu illustre collega e eloquente orador o sr. Antonio Candido, nem a habil defeza produzida pelo illustre deputado o sr. Franco Castello Branco, poderam demover-me do proposito que sempre tive de não lhe dar o meu voto.

E' possivel que eu não tenha a verdadeira comprehensão da politica e da administração, como o meu amigo o sr. Antonio Candido disse ao sr. Simões Ferreira; mas é em nome da verdadeira politica e da verdadeira administração, como eu as comprehendo, que votei contra a dispensa de regimento para o projecto entrar já em discussão e voto agora contra elle.

E disse.

O sr. Manuel d'Assumpção:—Darei poucas palavras e tão só por me parecer necessario affirmar a idéa que na commissão de fazenda, determinou a approvação d'este projecto. Claramente o expressei no curto relatorio que redigi; mas, as observações dos illustres deputados obrigam-me a declarar de novo perante a camara que no projecto se viu unicamente um ensejo propicio para a nação manifestar pelo voto dos seus representantes o elevado apreço em que tem o talento brilhante de Camillo Castello Branco.

E' a homenagem prestada ao talento e ao trabalho de um escriptor já hoje aureolado por immorredoura e illustre fama; o testemunho de que principia a nação portugueza a não esquecer os seus homens illustres; a affirmação de preito nacional por as nossas modernas glorias. (Apoiados.)

Longe estava de imaginar tivesse impugnação o projecto no parlamento; pois n'esta idade alta a que chegámos é tempo já de não trazer a eternidade de Zoilo atrelada á immortalidade de Homero.

Convençamo nos de que o talento, atravez das luctas cruciantes da vida, acaba por levantar a fronte onde irradia a impondo-a a veneração dos novos; e resolvamo-nos a não mais esperar tombem no sepulchro, alanceados pela inveja, os cidadãos illustres de quem a patria ha de orgulhar-se, para só então, calando o tumultuar das paixões, correremos a levantar estatuas que perpetuem os seus nomes e a nossa ingrátidão. (Apoiados.)

Ainda ha poucos mezes os redactores de um distincto jornal, publicado em Coimbra, convidaram portuguezes e brasileiros para em original mas gentil plebiscito decidirem qual era actualmente o primeiro escriptor de Portugal: feito o apuramento foi proclamado Camillo Castello Branco, nome festejado em toda a parte onde é conhecida a lingua portugueza. Orgulhem-nos com isto.

Eu sei, sr. presidente, que é difficil alcançar justiça dos contemporaneos; especialmente quando as paixões turbam a vista e os ciúmes desnorream os entendimentos. Difficil, muito difficil, avaliar o trabalho de um homem quando elle está ainda na lucta, e assoberba e affronta os que procuram vencel-o, ou se imaginam superiores. Sempre assim foi; para reconhecer o superioridade do homem a quem o genio illumina a fronte é necessario que a morte o derrube; só então e á vontade se lhe mede a estatura; enquanto afadigado com seus trabalhos e estudos anda na terra, todos se criem da mesma altura: a estatua avulta depois que está no pedestal. (Apoiados.)

Demais, ha tão boas razões para amesquinhar, especialmente quando se trata de trabalhos litterarios; é tão facil, e está tanto na nossa indole, que me parece ficaremos sempre legitimos descendentes d'aquelles que deprimiam Camões para exaltar Caminha. Verdade é que ficou eterno o nome de Camões e de Caminha já ninguém se lembra. (Apoiados.)

Respeito muito os moralistas, almas pudibundas que fecham os olhos diante da Magdalena de Canova, e constantemente tremem da influencia nefasta que poetas ou artistas podem ter na sociedade. São de todos os tempos; em Roma applaudiam o desterro de Ovidio; mas enquanto o poeta nas solidões do exilio conquistava a immortalidade desapareciam no pó do esquecimento todos esses moralistas. (Apoiados.)

Tacito incomodava; e quando o enorme historiadador, que ainda hoje assombra, com o estillete de aço gravava em laminas de bronze a condemnação das tyrannias do seu tempo, havia prudentes que julgavam perigosa a commemoração de taes horrores e talvez o accusassem de calumniar a Nero. (Apoiados.)

Sr. presidente, não tenho relações pessoais com Camillo Castello Branco, nunca tive a honra de lhe fallar; mas li todos os seus livros, todos. E têm-me elles dado tantos momentos de suave entretenimento, tantas horas de instructivo recreio, tantos ensinamentos da historia e vida do meu paiz, tanto contentamento por ver como *florece, falla e canta* a famosa linguagem de fr. Luiz de Sousa e de Vieira, que o estimo e prezo como se preza e estima um mestre e um bom amigo. Concorrendo hoje com humilde voto para esta manifestação, sinto ufania de que na minha patria haja ainda escriptores de tão subido merecimento.

Não quero amesquinhar ninguém, nem ousaria, insano, deslustrar com palavras a gloria dos que passaram, pois só glorias desejava para a terra onde nasci. Lastimo se não aproveitasse ensejo para se darem igueas manifestações de consideração publica a Herculano, o grandissimo historiador, e a Castilho, o já immortal poeta; a culpa não foi nossa nem se nos póde levar em conta. Mas, se o pejo nos assoma ás faces, quando nos recordam como temos sido mesquinhos com os nossos homens illustres; entremos em novos usos, e convençamos os estrangeiros de que Portugal, envergonhado, queimou a enxerga de Camões, e sabe reconhecer e honrar o merito onde elle está! (Apoiados.)

Ainda uma observação. Camillo Castello Branco não precisa de esmolos; tem o seu trabalho honrado. (Apoiados.) Se de prompto carecesse realisar a quantia necessaria para os chamados direitos de mercê, bastava-lhe lançar mão da penna, e com duas paginas que escrevesse tinha de sobra que atirar aos cofres do estado.

Tenho dito.

Vozes:—Muito bem.

O sr. Vicente Pinheiro:—Sr. presidente, eu quasi que vou fazer uma simples declaração de que desisto da palavra.

Vejo que felizmente a camara no seu claro entendimento está de bom grado resolvida a approvar o projecto de lei, que me honro de ter assignado.

A sua defeza está feita muito mais brilhantemente do que eu a poderia fazer.

As nações vivem sobretudo pela sua lingua.

O tempo e as luctas da vida destroem mais facilmente os outros caracteres ethnographicos.

Os povos desaparecem, as raças extinguem-se no transcurso dos seculos, só os monumentos de arte e litteratura que de si souberam legar á humanidade lhes conservam na historia os nomes e os feitos.

Os que vivem estudando e engrandecendo na pureza das suas formas, a lingua da patria, são benemeritos.

Tenho concluido.

Vozes:—Muito bem.

O sr. Carrilho:—Requeiro a v. ex.^a que consulte a camara sobre se julga sufficientemente discutida a materia d'este projecto.

O sr. João Arroyo:—Pedi a v. ex.^a que me inscrevesse sobre o modo de votar, porque a minha qualidade de apresentante do projecto em discussão me impunha o dever de escalar por qualquer forma a palavra, depois de votado o requerimento do sr. Carrilho. Só tarde me inscrevi, pois a delicadeza me obrigava a deixar fallar antes de mim os outros signatarios do projecto.

A camara acaba de ouvir a sua justificação plena, feita por vozes eloquentes e prestigiosas.

Eu felicito o paiz, e mais particularmente o parlamento portuguez, por ver que no seu seio abundam as intelligencias cultas e os corações prestimosos, promptos a honrar com os fulgores da sua palavra seductora a obra de Camillo Castello Branco, a maior gloria litteraria portugueza na actualidade.

Vozes:—Muito bem.

(Posto o requerimento do sr. Carrilho á votação, foi approved e em seguida o parecer que estava em discussão.)

O sr. Azevedo Castello Branco (Antonio):—Peço a v. ex.^a que consulte a camara sobre se me permite n'este momento usar da palavra.

(Consultada a camara, resolveu affirmativamente).

O sr. Azevedo Castello Branco (Antonio):—Agradeço a v. ex.^a o ter consultado a camara, e á camara o ter-me concedido a palavra para fallar n'este momento.

Direi muito pouco, pela inconveniencia em prolongar mais o debate. Entretanto, cumpre-me agradecer á camara a subida honra que ao escriptor Camillo Castello Branco, cujo nome e cuja familia tenho a honra de representar n'esta casa, acaba de conferir, concedendo-lhe a faculdade de solver por meio d'este projecto de lei o encargo que sobre elle pesaria com o titulo com que a munificencia regia o agraciou.

Devo dizer á camara que estou certo que ao espirito d'aquelle distincto escriptor será tão grata a honra concedida pelo poder moderador, como a que esta camara acaba de lhe dispensar, e que no seu espirito, cheio de tão finas qualidades, ha de certo agradecimento para cada um que empregou a sua iniciativa n'esta obra, e generosidade bastante para esquecer o que de injusto houve nas palavras do sr. Simões Ferreira.

Vozes:—Muito bem.

(Continúa)

ALBERTO PIMENTEL.

HONTEM E HOJE

A Bernardino Barbosa Leão

Minha pobre alma esteril, sem guarida,
um oceano profundo d'amargura,
era como a avesita entristecida
esvoaçando na treva densa e escura.

Era sombria e triste e dolorida,
sujeita ao furacão da desventura,
e nunca uma chimera estremecida
lhe suavizou a sina atroz e dura!...

Quando, depois, a luz do teu olhar
a veio docemente illuminar,
envolvendo-a n'um manto d'emoções,

E' que ella viu então alvorecer
entre um sorrir ardente de mulher,
o sidereo arrebol das illusões!

Porto — 1887.

CUSTÓDIO GUIMARÃES.

OS DOIS CEGOS

Os dois cegos encontraram-se um dia. Claudio tinha dezeseis annos; Olivia tinha dezoito. Foi n'um domingo pela manhã. De-

pois da missa, Claudio com sua mãe foram sentar-se n'um banco do jardim. A velhita olhava distrahadamente atravez dos seus grandes oculos de tartaruga, enquanto o cego, abrindo muito os olhos esbranquiçados e fixos, parecia absorto n'um grande pensamento dominante.

Assim permaneceram longas horas sem dizer palavra.

Quando já estavam para voltar a casa, a mãe de Claudio viu ao longe uma velhinha, toda de preto, trazendo pelo braço uma rapariga loira e pallida. O cego, que ouvira passos, perguntou:

—Quem vem ahi, minha mãe?

Mas esta não lhe respondeu, tão entretida estava a olhar para as duas mulheres, que vieram sentar-se n'um banco, muito proximo d'aquelle em que estava Claudio.

A tal rapariga loira e pallida tambem era cega. Então, as duas velhas entreolharam-se com um sorriso amargo e bondoso, cheio de resignação.

—Quem está ahi? perguntou Claudio.

—E' uma senhora d'idade e uma ceguinha, respondeu a velha.

Claudio retomou a sua tranquilla serenidade, mas nos seus labios descoloridos esvoaçou um leve sorriso de contentamento.

Então as duas velhas começaram a conversar uma com a outra.

Fallaram dos filhos, do modo como elles tinham perdido a vista, e entretanto os dois cegos ouviam melancolicamente aquella conversa.

Ao cahir da noite as duas familias separaram-se amavelmente e Claudio apertou nas suas a pequenina mão delicada e branca de Olivia.

Olivia era o nome da cega.

Ao jantar, Claudio comeu pouco e não deixou a mãe com as suas perguntas insistentes, continuadas.

—Quantos annos terá aquella ceguinha que nós encontrámos? E' bonita? E' loira? Ha quanto tempo estará cega?

E a mãe respondia a tudo isto pacientemente, com muitas explicações.

Deviam ser dez horas da noite quando Claudio se foi deitar. Deitou-se, mas não lhe foi possível adormecer. Apenas ia a pegar no somno, apparecia-lhe um vultoso branco, d'uma brancura ineffavel, côr d'opala, que era o vulto de Olivia, tal como elle a imaginava, elle, o pobre cego, que nunca tinha dado um beijo d'amor n'uns labios appetitosos de mulher amada.

A noite corria silenciosa: apenas se ouvia na casa de jantar o bater continuado do velho relógio de parede.

Entretanto, o cego continuava a seguir os seus pensamentos vertiginosos: via em Olivia uma noiva carinhosa e affavel, desenhava no seu espirito um pequenino *ménage* encantador, cheio de paz e de conforto, e até cuidava que a tinha alli deitada no seu leito, desnudada e alegre, esmaiaando nos seus braços ao calor dos seus beijos.

Assim passou toda aquella noite, sem dormir um instante, e assim se passou toda uma semana, com o pensamento em Olivia.

No domingo seguinte, logo depois da missa, as duas familias tornaram a encontrar-se. Claudio e Olivia sentaram-se um ao pé do outro, enquanto as duas velhas começaram a passeiar ao longo da pequena alameda.

Então os dois cegos puzeram-se a conversar baixinho, n'um adoravel tom de confidencia, e, quando duas horas depois se apartaram, Olivia e Claudio deixaram de ser dois conhecidos para serem dois namorados.

Todos os domingos se encontravam. Claudio e Olivia estavam noivos, e as duas velhas, alvoroçadas com a idéa d'esse casamento que lhes parecia tão risonho e promettedor, não se cançavam de fazer projectos deliciosos.

N'um sabbado, ao entardecer, Olivia cahiu de cama, com uma pontinha de febre e dores de cabeça.

Apenas souberam isto, Claudio e sua mãe vieram saber da doente e, cheios de sollicitude, alli passaram toda aquella noite na pequenina alcôva confortavel, onde a luz d'um velador escorria pelos cortinados brancos da janella.

Nos dias seguintes a febre augmentou successivamente, veio um grande abatimento, uma grande prostração.

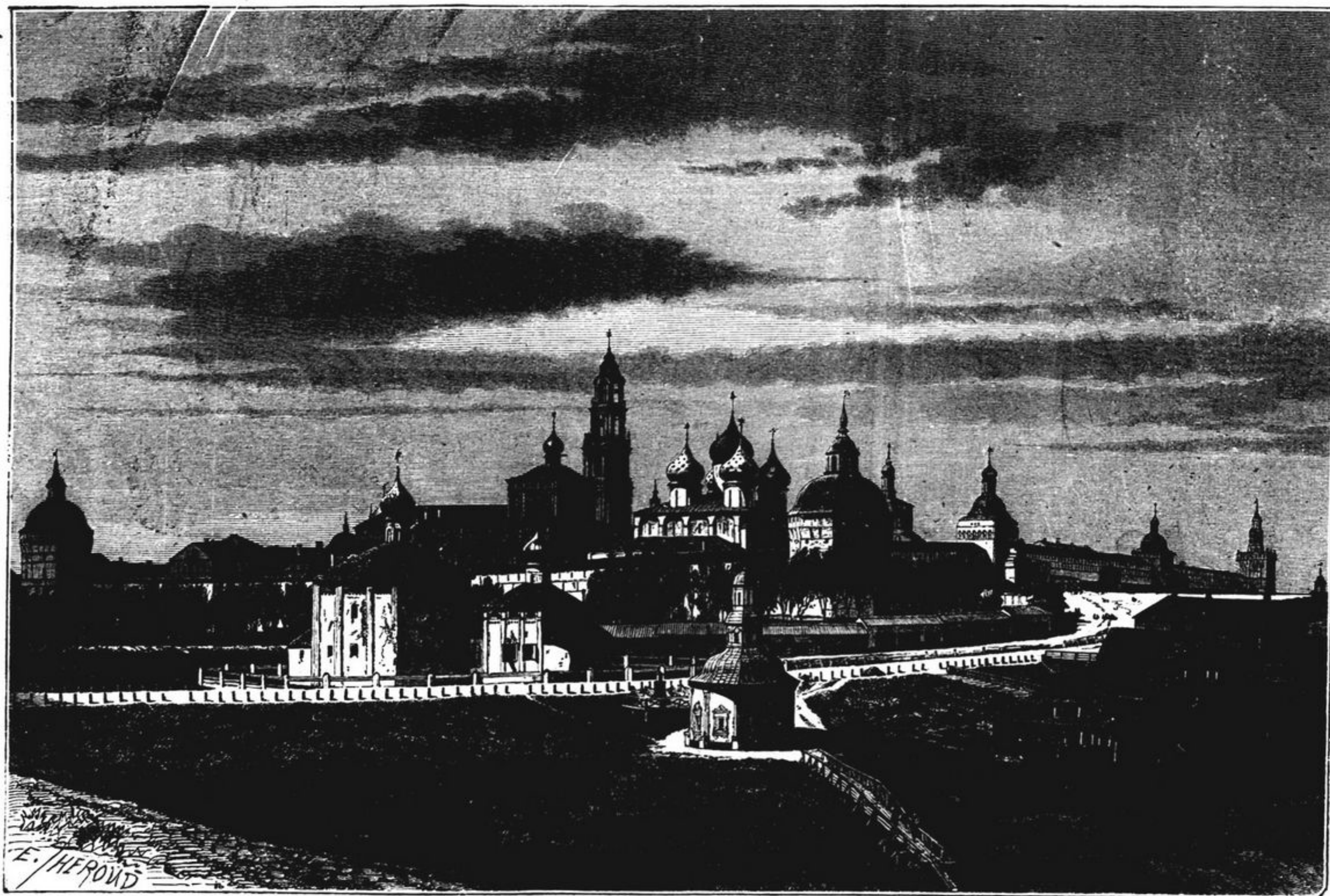
Deus louvado, porém, Olivia pôde levantar-se ao cabo de duas semanas, muito fraca, é verdade, mas livre de perigo.

Claudio, tendo perdido muitas noites á cabeceira da sua noiva, começou a sentir-se mal disposto, comia pouco, não podia dormir. O mal foi cada vez a peor, e um dia... morreu.

Quando Olivia soube da morte do seu noivo, estava ainda convalescente. Foi a mãe que lhe deu esta nova, banhada em lagrimas, cheia de soffrimento.

Olivia não disse uma palavra, não chorou.

Abriu os seus grandes olhos azues immobilizados e soltou um soluço dolorido e manso... E aquella soluço levou-lhe a vida.



O MOSTEIRO DE TROITZKOI, NA RUSSIA

As duas velhas, tendo perdido os seus filhos, juntaram-se e vivem agora na mesma casa.

E' hoje o dia de finados.

Eu vim ha pouco do cemiterio onde fui visitar os meus queridos mortos, e lá encontrei as duas mães debruçadas sobre a grade de ferro que protege o pequenino mausoleu onde dormem os dois cegos...

EUGENIO DE CASTRO.

UM ESBOCO DE TRAGEDIA

(MORA)

O conde de Villemagne amava doidamente a sr.^a d'Albigny, e essa pequena parisiense, que parece, com a sua bocca risosa, os seus olhos estriados de oiro e o seu narizinho petulante, uma figurinha de *biscuit*, dera-lhe todo o seu coração, toda a sua vida, desde o primeiro dia em que os seus labios se uniram em um longo beijo de amor.

O conde não a amava, idolatrava-a. Ella resplandecia na sua vida como uma triumphante aurora.

O menor olhar, a menor palavra, rabiscada á pressa, o menor contacto dos seus dedos esguios, todas essas secretas intelligencias de que falla o poeta, encantavam-o, extasiavam-o.

Os dois comprehendiam-se, desejavam-se sem cessar.

Existiam um para o outro, com estranhas afinidades de sensações e de caprichos.

Os raros instantes em que ella podia evadir-se do seu carcere, illudindo a vigilancia do marido, que era ciumento como um feudal da idade media, em que pertenciam um ao outro, em que centuplicavam as caricias para prolongarem a ditosa hora que os reunia, transmittiam-lhes uma tão intensa felicidade, agitavam por tal forma os seus corações, que, por vezes, assaltava-os o delicioso terror da morte.

E n'esse grande Paris onde tudo se sabe, onde ha milhares de curiosos que farejam as paixões ainda em embrião, onde se trocam por detraz dos leques confidencias mysteriosas, segredos reveladores de imprudencias fataes, de declarações indiscretas, onde a galeria inventa o que não ponde descobrir, só elles tinham tido a rara habilidade de occultar o seu amor, de não despertarem nenhuma curiosidade maligna, nenhuma suspeita, de não se trahirem uma unica vez, de envolverem a sua ternura como que em um impenetravel véu.

A principio, o sr. d'Albigny não suspeitára cousa alguma.

A despeito de ser mais edoso do que sua mulher, de ser feio como um satyro mascarrado e esquecido na sombria avenida de um parque, o sr. d'Albigny vigiava sem cessar a sua companheira, obstinava-se com tanta habilidade em separal-a das suas amigas, em isolal-a, em preserval-a de tentações, não se demorando nunca muito tempo em um sitio, viajando frequentemente pela Italia, pela Hespanha, residindo ora nas montanhas, ora á beira mar, que julgava ter adquirido a certeza de não pertencer, em tempo algum, á confraria amarela, que fazia as delicias de Sgnarello.

Mas a frieza progressiva da joven senhora, a especie de repulsão que ella não conseguia dissimular, sempre que o marido a acariciava, as bruscas meditações que a absorviam por espaço de muitas horas, os seus silencias, a languidez que fluctuava no fundo das suas pupillas, a inexplicavel metamorphose que communicára ás suas atitudes, aos seus gestos, ás inflexões da sua voz, um estranho encanto suggestivo, reanimaram o ciume que existia latente no fundo do seu ser, encheram-o de uma surda e cruel inquietação, de uma raiva difficilmente suffocada, que o enlouquecia.

Entretanto, a despeito da sua espionagem, dos laços que armava, onde teriam caído as mais fortes, a despeito de abrir todas as cartas dirigidas á sr.^a D. Albigny, de interrogar os creados, permanecia sempre na mesma, não descobrindo o menor indício que o orientasse, que o arrancasse ás suas torturantes incertezas.

E mau grado todos os obstaculos, o sr. de Villemagne, mais habil ou mais feliz, conseguia encontrar-se com a sua adoravel amante e incutir-lhe forças para a luta tão violentamente encetada, consolando-a, fazendo-lhe esquecer as suas angustias, os seus amargos desgostos.

Chegon o verão.

O sr. d'Albigny alugou uma villa em uma das «watering places» normandas, mais em moda.

No dia immediato, o conde foi hospedar se em um hotel.

Das suas janellas, avistava o jardim da villa e por um signal, convencionado entre ambos, a sr.^a d'Albigny prevenia-o das ausencias do marido.

Uma noite, ousaram approximar-se.

D'Albigny jogava no Casino.

Tinham, pelo menos, uma hora para se amarem.

O conde, aproveitando a escuridão da noite, marinhou pelo muro do jardim e suspendendo-se dos ramos das arvores, agarrando-se aos varões das janellas, conseguiu chegar ao quarto d'aquella que adorava.

Embebedos em um ineffavel extasis, não pensando senão na beatitude de serem um do outro, tinham esquecido o universo, no momento em que o marido bateu uma pancada violenta na porta, depois de ter em vão tentado abri-la.

Ella teve apenas o tempo de envolver-se em um penteador, enquanto o conde fugia pela janella.

Pallida, commovida, parecendo ter perdido até á ultima gota de sangue pela ferida que de repente se lhe abria no coração, deu volta á chave.

Passou-se então entre esses dois entes, presos á mesma grilheta, uma scena terrivel.

Durante uma hora, elle insultou-a, ameaçou-a, tentou arrancar-lhe uma confissão, uma palavra imprudente, roubar-lhe o nome do amante.

Com os dentes cerrados, os labios brancos, ella assentou-se em um fauteuil, enterrando as unhas no estofa, intericando-se, dominando-se para não desatar aos soluços, para poder encarar esse homem que, pouco a pouco, se tornára em um animal feroz.

A infeliz tinha uma chamma radiosa nos olhos, um jubilo de apaixonada, defendendo o querido segredo da sua vida, salvando pelo seu silencio o estremecido e adorado ente.

Por fim, o miseravel perdeu a cabeça, e gritou com a voz rouca de um ebrio: «Responda, responda!»

Desesperado com o silencio que continuava a acolher as suas palavras, d'Albigny pegou em um chicote, e arrastando-a pelos cabellos, insensivel aos seus gritos de dôr, ás suas supplicas, flagellou-a sem dó, cortou-lhe a carne, abrindo vergões sangrentos que a desfiguraram.

O conde, suspenso com as mãos dos balaustres da sacada, ouvia os seus gemidos, via-a succumbir sob a vibração do chicote.

E sentindo que a condemnaria á morte, se caísse sobre o marido, furioso por estar alli, impotente para defendel-a, aterrado de a ver, a ella, o idolo que elle collocava acima de tudo, que rodeiava de um culto fervoroso, dilacerada, lavada em sangue, ntrajada, espancada, humilhada, perdeu de subito a razão, como se houvesse recebido no craneo a pancada de um enorme martello.

No dia seguinte, o mar depositou o seu corpo no reconcavo das ribas. O conde afogara-se.

Só a sr.^a d'Albigny poderá explicar esse enigma tragico, e ninguém a reconhecerá hoje, com a sua physionomia mutilada, os seus olhos encovados pelas lagrimas, a sua pallidez de doente, que está condemnado á morte, e que não o ignora...

GUICMAR TORREZÃO.

SONETO MODERNO

Passára a vida inteira a contemplar-te!
e o profundo receio de perder-te
faz que eu apenas pense em merecer-te
pois nunca da minh'alma has de apartar-te.

Dos meus cantos ideaes hei de cercar-te,
—pobres flôres que ha muito ando a off'recerte;
e como não pod'ei nunca esquecer-te,
vêr-me-ás, louco d'amor, sempre a cantar-te!...

E' por ti, só por ti que vou vivendo,
d'esta vida os martyrios arrostando,
— o eterno alivio, em sonhos, antevendo.

E, enquanto, a Morte sobre nós baixando
nossos corpos a terra fôr comendo,
nossas almas p'lo Azul irão voando...

(Das Penumbbras, no prélo)

SILVA FERRAZ.



MADAME LIMOUZIN



GENERAL CAFFAREL



MADAME RATAZZI

OS TRAFICANTES DE CONDECORAÇÕES EM PARIS

A SERPENTE

(CONCLUSÃO)

V

O temperado clima da deliciosa Madeira, celebrado por todos aquelles que sentem na alma o fogo do entusiasmo juvenil e uma nitida comprehensão do que é excepcionalmente formado, os magníficos passeios, a pureza d'aquelle ceu sempre azul, junto aos incessantes e desvelados carinhos da avó e da prima, fizeram desaparecer em Arthur todos os symptomas morbosos causados pelo profundo pesar que lhe esmagara o coração. Contemplando as maravilhas d'aquelle edem, enlevando-se no puro amor que irradiava dos castos olhos da prima, o anjo bom que lhe apparecia, consoladora e bella, como aquellas doces fadas dos contos phantasticos com que somos emballados nas primeiras edades infantis, julgava que os pesares e o soffrer teriam um breve termo.

Sentados nos rochedos proximos do mar, espraçando a vista ao longo do oceano levemente agitado por uma brisa suave, seguindo pensativos a esteira luminosa dos barcos, os dois primos recordavam-se da deliciosa ilha dos Amores, d'aquelle criação do nosso Camões, e chegavam, ao ouvir o ruido causado pelos passos de qualquer pescador sobre a areia, ou pelo apressado esvoaçar das gaivotas, a olhar anciosamente á volta de si, parecendo-lhes enxergar aquellas meigas nymphas que esperavam os arrojados navegantes para lhe darem com um amor não sonhado até então por mortal algum, a mais subida recompensa de seus feitos e heroismos sobrenaturaes. Então, quedando-se em muda adoração ante a prima, Arthur procurava atordoar-se, substituindo por um novo, aquelle antigo amor que lhe avassalava o coração. Mas tudo era debalde.

Quando só no seu quarto ou nos passeios atravez a ilha, a imagem da prima desaparecia inteiramente, e o passado desenhava-se ante elle com toda a nitidez das suas grandes alegrias, do seu doce idyllio seguido por um desenlace tão cruel como instantaneo.

N'esse momento sentia remorsos por pretender mostrar á prima um amor que não possuia e fazer-lhe apparecer illusões que completamente seriam dissipadas pelo sopro da mais leve realidade, e amaldiçoava-se a si proprio, pensando, por momentos, em pôr um rude termo á sua existencia inutil.

Sophia é que era inteiramente feliz, desconhecendo o combate que na alma do primo diariamente se travava; e achando outra vez n'elle o meigo companheiro da sua infancia, o amavel e desvelado protector da sua juventude, amava-o cada vez mais, e só procurava agradar-lhe, estudar-lhe os gostos e os desejos, inteiramente identificar-se com elle.

Estavam havia um mez na ilha, n'esta serena atmospheria de tranquillidade, quando chega um paquete trazendo a correspondencia do continente. Arthur foi, avidamente, receber as cartas e os jornaes que lhe eram dirigidos, e no espaçoso salão da sua alegre casa, enquanto Sophia corria a vista pelos jornaes lendo á avó, attenta, uma ou outra noticia de sensação, elle devorava com soffreguidão as cartas que os amigos lhe dirigiam, procurando em todas ellas uma referencia qualquer áquella que vilmente o atraíra. Mas nada encontrando, poz de parte, com um suspiro, toda a correspondencia epistolar, acercou-se das duas senhoras, e exclamou:

—Os amigos estão d'uma atroz semsaboria... Fallam-me só de theatros, do bello sol que até agora tem illuminado o nosso querido Porto, das sentidas saudades... e nada mais. Dizem os jornaes alguma cousa de novo, alguma cousa de interessante?

Nada, mesmo nada... Tenho estado a vér o *Jornal do Porto*, mas se queres o *Primeiro de Janeiro*, ahí o tens.

E a prima, passando-lhe um maço de periodicos, continuou a interrompida leitura. Arthur, agitando-se commodamente na larga cadeira de espaldar, abriu um dos jornaes, que correu com a vista, e depois outro... outro... até que um dos ultimos lhe despertou mais fortemente a attenção, tanto que elle, semi-erguendo-se, cravou fixamente a vista na local que mal lera, e dando um grito rouco, cahiu no chão como fulminado, comprimindo n'uma commoção febril o papel que tinha entre as mãos.

As duas senhoras correram a levantar-o, mas o infeliz não dava accôrdo de si. Levado para o leito, desenvolveu-se-lhe uma febre profunda, cujo delirio o fazia revolver em allucinações doidas. O medico, que correa pressuroso, recommendou os maiores cuidados, prescrevendo remedios energicos para aquelle ataque do peor caracter. Sophia, depois de enxugadas as lagrimas que constantemente derramara durante aquelle periodo de confusão e dôr, lembrou-se de procurar saber a causa de tão repentino mal, e examinando o jornal meio despedaçado, deparou-se-lhe a noticia de um faustoso casamento, que semanas antes se celebrara no Porto. A noiva, a noiva era a fementida que tão crua e desdenhosamente esmagara o coração de Arthur.

Sophia comprehendeu então tudo, e indignada, despedaçou o periodico que de tão longe lhe viéra trazer a infelicidade e a dôr.

Ao periodo do delirio succedeu, no doente, o de prostração, apparecendo depois umas fracas melhoras, que vagorosamente foram augmentando até lhe permittirem sahir do leito, amparado pelo braço da prima, que tinha então para Arthur uns carinhos verdadeiramente maternos. Mas se fôra salvo da febre cerebral que o accomettera, a doença que primitivamente o fizera partir para a Madeira reapareceu mais intensa e assustadora. Arthur tinha ás vezes accessos de profunda melancolia, a que nada era capaz de o arrancar; e quando pretendiam consolal-o, desatava a chorar... a chorar como uma creança. Por ultimo, n'uma insistencia a que foi impossivel resistir, reclamou a partida para o continente.

Mas, durante a travessia, os padecimentos augmentaram prodigiosamente, e chegado ao Porto, cahiu de cama para não mais se levantar.

Ao passo que pretendia ainda incutir esperanza á desalentada familia, alegrava-se sózinho, com a aproximação da morte, que seria para elle o unico meio de esquecer as fundas dôres que lhe alanceavam o coração, e sentia-se feliz ao pensar que a sua vida teria um breve termo.

Um dia, em que o sol, illuminando-lhe o aposento, dava uns reflexos dourados á severa mobilia antiga, Arthur pediu á prima para lhe abrir completamente as janellas, visto que sentia uma immensa falta d'ar.

Satisfeito o seu pedido, voltou-se soffregamente, ficou a olhar com uma fixidez vitrea para o pequeno espaço de ceu que se via atravez ella, e foi resvalando docemente, até ficar completamente deitado.

Quando Sophia, que o contemplava entre lagrimas, procurou erguel-o, encontrou-o immovel e sem respirar...

Estava morto!

Desde aquelle momento começou tambem a lenta agonia da pobre creança, que se sentia incapaz de viver sem aquelle que era o alvo de todos os seus affectos, a alma da sua alma, a vida da sua vida; e poucos mezes depois, finava-se de pezar, deixando a velha avó a chorar a sua solidade, os seus desgostos, e os netos queridos que a fatalidade tão cedo lhe arrebatara.

VI

Orvalhado com lagrimas de sangue, não podia ser feliz o casamento da auctora d'aquellas duas mortes.

Continuando em casada a mesma vida de solteira, incapaz de conceber uma affeição séria e pura, após repetidos escandalos, que fizeram echo na chronica mundana, encontrou-se um dia sem esposo, que d'ella se separara judicialmente.

Resvalando então, pouco a pouco, no lodo da infamia, é hoje a impura mais da moda que tem abysmado a cidade com o ruido das suas aventuras e a excentricidade das suas *toilettes* esplendorosas.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

AS VIOLETAS MURCHAS

Ha já muito tempo que não leio o magico *Werther* de Goethe e hontem, quando accordei e andava no ar o perfume suave que as brisas da manhã colhem nos jardins, foi abril-o, cheio de saudade e impregnado da melancolia mausa que nos põe na alma o ardor silencioso mas expansivo da Natureza.

Entre duas das suas formosas paginas encontrei um pequeno ramilhete de violetas murchas, que me recordou um dos episodios mais memoraveis da minha vida.

Era uma noite de carnaval, já lá vão annos, em que eu esvasiava alguns calices de cognac, sentado a uma banca do Martinho com Luiz da Silveira, um moço a quem nunca fugia dos labios um sardonico rise que me fazia gelar o sangue nas veias, a mim, que sempre adorei as cousas ingenuas e doces.

Este moço, que eu encontrava a miudo nos cafés e nos theatros, misturando sempre na sua conversação um chuvaire de mordazes epigrammas, zombando do amor, da honra, do dever, de Deus, do Diabo, e de si, era muito novo ainda e o buço mal lhe principiava a despontar.

N'aquelle dia em que elle me deu, como uma recordação de amizade, ou como uma despedida, porque um mez depois morreu não sei de que doença, aquelle singello bouquet de flores seccas, contando-me uma historia que a elle andava ligada, reunira-nos uma casualidade á mesma meza do café.

Lá fôra, na rua, cahia constantemente uma chuva muito miuda e sibilavam as rajadas duras e cortantes de um vento frio, quasi gelado; dentro do Café, o gaz produzia um suave e

benéfico calor que reanimava e ia, a pouco e pouco, reaquecendo o sangue, e o rumor, alto e forte, das conversações, distrahia, inconscientemente, a atenção, fazendo-a esquecer a sensação do frio.

Os meus nervos delicados, extremamente agitados, parecia que, instinctivamente, repulsavam qualquer coisa triste que se approximava, e a minha imaginação entretinha-se, impulsionada invencivelmente, a materialisar, no vacuo, formas indistinctas de reptis viscosos.

Luiz, com um sorriso indefinível e constrangido, accendia o seu charuto de um aroma fino e delicado; ia contar os desastrosos acontecimentos que arrastaram a sua alma, outr'ora boa e pura, até ao scepticismo, se não ao cynismo.

Aos 16 annos fôra um bohemio, que levava uma vida despreocupada e descuidosa, tendo sido apenas ligeiramente impressionado pelas mulheres, e julgando-se incapaz de vir a amar alguma, porque acreditava impossiveis de realisar os sonhos de amor que idealisara nos seus momentos de illusão ingenua.

Elle esculpturára mentalmente a plastica superiormente bella da mulher, ou antes do anjo, a quem havia de entregar o seu coração; havia de ter a candura alva do lyrio e o fresco e incomparavel perfume de uma alma virgem, na fronte o mais divinal pallor, luz celeste nos olhos, um encanto inconcebivel no sorriso, e, emfim, espalhadas no seu conjuncto adoravel, todas as formosuras angelicas.

Mas um dia encontrou no seu caminho uma mulher de cabellos e olhos negros, perfil gracioso, pé microscopico, com uma mão fina e pequenina, e um sorriso seductor que enlelava, sempre, a fulgir-lhe nos labios rosados; uma d'aquellas mulheres deliciosamente brancas e de uma plastica correctissima que, em todos os tempos, hão de despertar, com as aureolas captivantes do seu abril, as almas impressionaveis dos artistas e dos sonhadores, impellindo-as para o inferno das paixões violentas, loucas e vertiginosas.

Eu escutava, calado e abatido, adivinhando que uma funesta catastrophe seria o desfecho d'aquella historia, aliás vulgar, quando o meu pobre amigo interrompeu a sua narrativa e, mordendo os labios, talvez para abafar a explosão de uma grande dôr, pediu mais cognac, para n'elle afogar as maguas, acrescentou ironicamente, por que era para a consciencia d'aquella divina bebida que appellam os mortaes a quem persegue o vendaval da desventura.

—Amámo-nos delirantemente, recomeçou elle em seguida, embriagando-nos na simplicidade do nosso santo affecto de creanças, que jamais veiu macular um unico habito de viciosidade. Com que valente enthusiasmo a ameí não posso eu exprimir-te, nem posso significar-te o ciúme atroz que me torturava, quando ella dispensava a outrem, ainda quando esse outrem fosse a sua excellente irmã, um dos seus bonitos olhares porque eu tanto ansejava, que eu queria para mim só, por que eu daria até a propria vida.

Diziamos um ao outro, passeando de mãos dadas pelo jardim, as cousas mais bonitas que podem imaginar corações apaixonados, e depois ella fazia *bouquets* de flores singelas, quasi sempre com as suas queridas violetas, que me dava e eu beijava antes de esconder no peito.

Mas, um dia veiu uma nuvem tenebrosa escurecer o nosso céu; uma lesão pulmonar, que determinou uma inevitavel consumpção do organismo, arrebatou-a ao meu amor.

Pobre creança!

O meu coração fragmentou-se a pouco e pouco até ao ultimo pedaço, assistindo áquelle lento martyrio que matou a pobre tísica, que era o meu ar, a minha luz e o meu tudo. Oh! ninguem imagina como os tísicos se sentem morrer todos os dias, com uma especie de sensualidade dolorosa!

E depois vi-a morta, no esquife, muito pallida e toda vestida de branco, com um ramo de violetas posto no peito, e foi esse ingenuo ramo a unica herança que d'ella me ficou.

Uma lagrima fria rolava, vagarosa, pela face do Luiz, e eu fiquei scismando, por algum tempo, com o coração tomado de voluptuosa melancholia; depois elle sahio do café, rindo com um grupo de mascaras.

Quinze dias se passaram e vieram dizer-me que elle tinha morrido; o seu organismo nervoso e delicado, atrophiará-se a pouco e pouco, na vida que levava, arrastando a sua mocidade pela lama de de todos os vicios.

Aquelle desgraçado rapaz não foi victima do amor, mas sim de uma educação apbixiante, que lhe annullou completamente a vontade, tornando-o incapaz de reagir contra as contrariedades que se lhe deparassem no caminho da vida.

Legara-me o livro que lia nos ultimos dias que viveu, o *Werther*, pedindo-me que guardasse entre as folhas do seu *evangelho* a herança da sua deusa, que elle confiara de mim, que considerava amigo sincero, quando sentira avisinharem-se os prenuncios da morte, que de ha muito antevia, e queria que eu queimasse tudo.

Eu guardo, porém, ainda, as dolorosas recordações do desventurado para as lançar ao fogo, só no primeiro dia em que a minha noiva deixar de me amar.

ARMANDO DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ RODRIGUES

Damos hoje o retrato d'este distincto artista, que, por sua vez, acaba de ir fazer companhia, sob os cyprestes, a Thomaz d'Annunção, Christino, Miguel Lupi e a tantos outros pintores illustres.

O nome de José Rodrigues não foi nunca dos mimosos da *réclame*, esteio desconsiderado já da inutilidade impotente. Não foi, nem precisava ser-o. Como mais de um artista, que felizmente ainda temos para ahí, José Rodrigues viveu n'uma obscuridade modesta, o seu nome velou-se sempre n'um retrahimento silencioso, que é preciso—hoje que o pobre artista morreu—lançar na conta dos titulos que elle deixa ao respeito da posteridade mais ou menos duradoura a que a sua obra attingir.

Nada sabemos da sua biographia, exactamente pelo que quasi sempre succede com artistas do seu genero: quando ouvimos fallar d'elles, é para lhe admirarmos o trabalho, e na contemplação da obra só lembramos o auctor, para o applaudir, o que sempre se dava com o artista a quem nos referimos.

Dizem os que o conheciam de perto ser elle dotado de um genio phrenetico e exaltado, o que achamos proprio dos que trabalham o bastante para que quasi na obscuridade do seu viver não tragam o nome esquecido, o que é realmente muito.

Os seus ultimos retratos figuram honrosamente ao lado dos trabalhos de Lupi, na sala das sessões da camara municipal. São os retratos de A. Herculano e de Fernandes Thomaz.

Deixa mais: O quadro central do tecto da mesma sala, o quadro central do tecto da igreja dos Prazeres e o da sala das sessões do tribunal de contas, um retrato de D. Fernando, seis de D. Pedro V e nove de el-rei D. Luiz. Em summa, desde que, em 1847, encetou a sua carreira artistica, assignou uns 210 retratos e uns 36 quadros de diferentes generos. Deixa em casa muitos estudos e alguns quadros por concluir.

Uma das feições mais caracteristicas, aquella em que o seu pincel se accentuava de uma maneira notavel, era na forma rigorosa, naturalissima, inimitavel como reproduzia as roupas.

José Rodrigues era academico de merito da Academia real de bellas-artes.

Ha mezes já que a doença não lhe consentia trabalhar, o que lhe acarretava bem penoso soffrer.

Falleceu no dia 20 d'outubro findo.

O MOSTEIRO DE TROITZKOI, NA RUSSIA

Este vastissimo mosteiro russo foi fundado por S. Sergio em 1330, e fica a 56 kilometros N. E. de Moscow.

Junto ao convento ha um seminario, palacio imperial, palacio do arcebispo e varias egrejas, uma das quaes encerra preciosidades de incalculavel valor.

Troitzkoi é cercado d'altas e solidas muralhas de 4 kilometros de circuito.

E' um lugar de peregrinação muito celebre.

OS TRAFICANTES DE CONDECORAÇÕES EM PARIS

Parece-nos inutil narrar mais uma vez o que os nossos leitores já sabem pelos jornaes diarios, ácerca do trafico das condecorações em França. Ju'gamos no entanto interessante apresentar-lhes os retratos dos principaes personagens envolvidos n'esta torpe *chantage*. Esses personagens são o general Caffarel, madame Limouzin e madame Rattazi.

O general Caffarel

E' um dos mais illustres generaes da França e serviu brilhantemente o seu paiz, mas era gastador, e como os honorarios de general não lhe chegassem para as enormes despesas que fazia, abusou do seu cargo de sub-chefe d'estado maior do ministro da guerra, para traficar em condecorações, associado com madame Limouzin e madame Rattazi.

O general Caffarel é o verdadeiro typo do militar. Usa bigo-



MÓDAS

de e pera já grisalhos: os cabellos ainda pretos são separados por uma risca perfeitamente recta. Tem feições regularissimas e olhos pequenos mas vivos.

Conforme é sabido, Caffarel foi riscado dos quadros do exercito francez, e prohibiram-lhe o uso da Legião de Honra, ordem de que era commendador.

Madame Limouzin

Madame Limouzin é uma mulher já edosa, corcunda, com um aspecto pronunciado d'albina, olhos salientes e olhar traço-eiro, magra, desdentada, nariz provocantemente arrebitado. Um typo que não engana ninguém. Vendo-a, adivinha-se logo que, com a fatalidade d'um tal phisico, o destino a reservava para alcovitar misteres torpissimos e asquerosos.

Além de corcunda é coxa, e usa chinó.

Esta megera exercia varias industrias. No trafico das condecorações, a sua maneira de proceder era a seguinte: procurava, por via de terceiro, attrahir a si, os papalvos que desejavam ser condecorados.

A entrevista tinha lugar n'um salão Luiz XVI da sua casa da Avenida Wagram, salão elegante, cheio de bibelots e de plantas exóticas, onde se viam retratos de generaes e de ministros illustres. Depois d'uma longa palestra, promettia aos seus clientes, mediante certa somma, a cubiçada fita vermelha da Legião de Honra. Os incautos pagavam adiantado e quasi nunca eram servidos. Quando vinham reclamar o seu dinheiro, a Limouzin batia-lhes com a porta na cara.

Madame Ratazzi

No phisico, madame Ratazzi avantajava-se, mas não muito, á sua collega. E' uma mulher baixa e ha muito que passou a idade em que se serve para papeis diversos dos de intermediaria. E' esperta, desembaraçada, e mais intelligente que a sua emula. Veste com esmero.

Emquanto a Limouzin tratava de comprometter o general Caffarel na sua industria, madame Ratazzi interessava o general d'Andlau nas combinações subteis da sua profissão d'intrigante.

Parece que, no trafico das condecorações, foi mais feliz que a sua rival, chegando a obter o «ruban rouge» para varios clientes.

MODAS

Damos hoje o figurino d'um lindo chapéu capote, que tem tido extraordinaria voga em Paris.

A capota é de seda armada em pregas na copa. A mesma seda debrua a aba de um folho recortado, formando diadema no alto da cabeça. Guarnece o chapéu uma fita, applicada em laçadas na parte da frente e terminando atraz em um pequeno laço. Enfeitam-o duas aves de fantasia, collocadas uma na frente e outra atraz, sobre o laço. Uma aigrette, applicada atraz, completa o adorno d'este chapéu, tão simples quanto elegante.

O ALMIRANTE JAURÉGUIBERRY

Acabou de fallecer em Paris, com 72 annos de idade, o senador inamovivel, almirante Jauréguiberry.

Entrado ao serviço em 1881, teve uma carreira das mais brilhantes; na Criméa, na China, na Cochinchina, no Senegal, de que fôra governador, por toda a parte se assignalou em acções de nome, e depois de trinta e oito annos de serviço, foi promovido a contra-almirante em 1869. Commandou então a frota de Toulon.

Chamado, durante a guerra, para o exercito de terra, foi collocado á frente da primeira divisão do 16.º regimento, e contribuiu para o exito da batalha de Patay, ferida no 1.º de dezembro de 1870.

Na ordem do dia que se seguiu a essa batalha, foi o denodado contra-almirante louvado pelo seu comportamento durante o combate.

Quando o general Chanzy se tornou commandante em chefe do exercito do Loire, foi Jauréguiberry quem cobriu a retirada d'aquelle exercito para oeste.

Em 9 de dezembro de 1870 foi promovido a vice-almirante. Eleito deputado á assembléa nacional pelos departamentos

da Sarthe e dos Baixos Pyreneus, optou por este ultimo, dando porém a sua demissão de deputado em fins de 1871, tendo sido nomeado perfeito da circumscripção maritima de Toulon.

Em 1876, tomou o commando em chefe da esquadra de evoluções do Mediterraneo, e ao terminar o seu serviço activo, foi nomeado presidente do conselho de marinha. No primeiro gabinete formado sob a presidencia de Grévy, pelo sr. Waddington, foi dada ao almirante Jauréguiberry a pasta da marinha, em que continuou durante o gabinete do sr. Freycinet, sabendo do ministerio a 28 de setembro de 1880. Foi ainda ministro da marinha desde 23 de janeiro de 1882 até 31 de janeiro de 1883, e foi eleito senador inamovivel em 27 de maio de 1879. Collocado de novo no quadro activo, sem prejuizo da idade, como tendo exercido o commando em chefe perante o inimigo, o almirante Jauréguiberry tinha a gran cruz da Legião de Honra.

Taes são, a largos traços, os mais importantes e honrosos feitos da vida do valente militar, que combateu em defesa da sua patria invadida, e que era tido como um dos mais illustres e denodados filhos da França moderna.

SERENATA

(DE FRANCIS COPPÉE)

Tu prometteste, ó minha loura amante,
Dar-me esta noute um beijo,
E eu venho ebrio da luz doce e b'ilhante
Da lua, que alem vejo.
Busquemos, pois, qualquer local sombrio,
Embora sintas medo,
Que a lua espregueite ás noites, pelo estio,
Atravez do arvoredor.

Pelos escuros sitios, preferidos
Das almas amorosas,
Iremos, escutando os debeios ruidos
Das fontes murmurosas;
E para nos guiar os n'esses campos
Tu has-de, ó meu thesouro,
Poivilhar de luxentes pyrilampos
O teu cabello louro.

MAGALHÃES FONSECA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

(Ao abalizado decifrador, GREGORIO PINTO D'ALMEIDA CREIO)

Pediram me, já ha tempo,
Que fizesse uma charada,
Porém da minha cabeça:
E' impossivel, não sei nada.
Tenho dado muitas voltas
P'ra a charadinha arranjar;
Mas... qué? Não arranjo nada...
Para que me hei de eu massar?
Tenho uma ideia:—Oh! João!—
—Qué? estás-me a chamar?
—Estou;
Vem aqui depressa, anda,
Quero-te fallar.
—Ah! vou!—
—Estou ha mais d' hora e meia

Pr'a uma charada fazer,
Tu sabes d'isto?...—
—Vá lá,
Escreve o que vou dizer:—
Se te deres ao trabalho,
Procurando co'atensão,
Acharás uma açucena
Dentro do meu casarão —1
—Então, amigo João,
E' o t u casarão jardim?
—Não, isto é confusão;
Vamos pr'a diante, sim?—
Vé agora n'esta quadra,
Se achar podes flôr mimosa;
Não é cravo, nem jacintho,
Nem jasmim, ou qualquer rosa.—3
—Ora abi teus a charada;
Agora estás satisfeito?...—
—Estou; mas ainda preciso,
Que me faças o conceito.—
O conceito da charada,
Mui facil de decifrar;
E' moeda; que massada!...
Não me tornas a apanhar.
—Então, vaes-te já embora?
Dize-me a decifração!...
—Adivinha, e depois manda-a
Lá para a Ilustração.

A. R. BRANCAL.

Premio: uma agradável surpresa a quem primeiro me enviar
a decifração

Fiz ha tempo uma charada
Mui facil de decifrar;
Corri todo o dictionario
Pr'a certo tecido achar.—1

Achei-me depois massado;
Deixei tudo e fui passear
Encontrei no meu caminho
Um insecto não vulgar.—2

Depois de correr os campos
Vim p'ra casa tão cansado,
Que fui immediatamente
Jantar um peixe guisado.

Castello Branco

Pelo Saloio

ANTONIO MARTINS CHURRO.

Beb'da aqui vereis e fermentada, }
N'esta parte primeira da charada. } 3

A segunda é medida, e por signal, }
Que nunca foi usada em Portug l. } 4

Generosa se mostra esta terceira, }
Quando concede o que diz primeira. } 1

No todo pod'is ver, ó meu leitor,
Arvore indiana de bonita côr.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Logogripho

POR LETRAS

Esta linda capital
Já foi grande e poderosa!
Mas também, em poucos sec'los
Descabiu... a desditosa. 9-5-7-2.

Paixão... poucos te conhecem,
Poucos sabem quem tu és,
Pode ser também ditoso
Quem te viu só uma vez. 2-3-8-9.

Tu és grande e poderoso,
E's um cruel assassino!
Mas ninguém foge de ti,
Muitos te têm por divino. 7-2-9.

E's no v'rão impertinente,
No inverno, se cegado;
Só por ti, em todo o v'rão.
Ainda tudo bem molhado. 4-8.

D'este logogripho facil,
Do conceito apenas digo:
Foi poeta que viveu
Não em tempo muito antigo.

Rio Maior.

JULIO GASPAR F. DA COSTA.

Decifrações

DAS CHARADAS: —Metacarpo—Corcova—Fragata—Pandemonio—Jacaré—Unhagata.
DO LOGOGRIPHO: —Cebola.

A RIR

Um parasita muito conhecido apresenta-se em casa d'um amigo á hora do jantar.

—Eu sabia, meu caro, diz elle ao dono da casa, que tinhas convidado algumas pessoas para hoje, e disseram-me que eram treze á meza. Ora como tua mulher é supersticiosa, eu vinha quebrar o enguiço...

—Enganaram-te; somos apenas doze.

—Não importa, fico, se dás licença. E' preciso corrigir as senhoras d'estes prejuizos ridiculos.

*

X. jantou um dia em casa de um medico muito celebre.
Ao café, o medico voltou-se para o seu commensal e disse-lhe:

—Ouvi dizer que o senhor é um excellente improvisador. Pêço-lhe que escreva uma quadra no meu album.

X. puchou de um lapis e escreveu:

«Depois que o dr. Leal
«Se entrega a trabalhos sérios,
«Demoliu-se o hospital,

—Lisonjeiro, muito lisonjeiro! disse o doctor.
E X. acrescentou:

«Fizeram dois cemiterios».

UM CONSELHO POR SEMANA

PILHA ELECTRICA ECONOMICA

Colloca-se um vaso poroso dentro de outro vaso de porcellana. Neste lança-se uma mistura de agua, contendo 2500 de cal, e no vaso poroso lança-se acido azotico. Dentro de cada um d'estes vasos colloca-se uma lamina de platina, ou no vaso que contém a agua de cal lança-se uma lamina de ferro, cobre ou zinco, e no que contém o acido, outra de qualquer d'estes metais, porém dourada ou platinada.

A MARIA DO ROSARIO

A Maria do Rosario, era a melhor cantadeira d'aquelles sitios alpestres. Ainda se fala n'ella com uma saudade, misturada de tristeza.

Quando a gentil rapariga voltava do matto, com um feixe de lenha á cabeça e as mãos galhardamente postas nos quadris, cantando, parecia até, que os passaros se debruçavam nas arvores para a escutarem.

E ella, lá ia sempre na sua lida, doce e serena, formosa e moça, pizando corações na sua passagem, como uma deusa triumphal da India.

Quem possuía a chave d'aquelle coração? Ninguém o sabia dizer.

Debalde os rapazes mais guapos e mais pimpões lhe arrastavam a aza; ella tinha para todos, nos seus labios frescos de romã, um sorriso que era um enigma tão indecifrável como a sphinge do Egypto. E perante o fogo cruzado das declarações d'amor, quer vibradas á queima-roupa nas debulhas e seroadas, quer desfechadas de longe em olhadelas monstros, nunca se lhe vira perder o aprumo magistral da indifferença.

Este couraçamento extraordinario contra as settas do classico deus-menino, creou uma lenda que deu brado e mote ao mesmo tempo, aos improvisadores de algumas leguas em redondo.

Fizeram-se apostas e deitaram-se milhares de sortes pelo S. João. Todos os que gastaram o seu dinheiro e o seu papel, ficaram na mesma.

—A rapariga é ambiciosa, dizia um velho n'um grupo de rapazes. Não fala senão da cidade. Parece que tem lá uma prima que lhe anda a metter minhocas na cabeça.

—Aquillo não vae a bom fim; observou um rapaz bilioso, muito considerado, por ser ajudante do meste-escola.

—Ahi vens tu, com as tuas prophcias! exclamou o Manuel das Bogalhas, um rapaz sanguineo pretendente também á mão da Maria. A culpa não é d'ella, é nossa, que a não merecemos.

Uma explosão de gargalhadas de todos aquelles altivos aldeãos, que se julgavam superiores á mulher em geral, suffocou em plena guelia ao defensor da Maria, mais algumas considerações. E até um se atreveu a dizer.

—Se ella, aquella *senhora dona*, soubesse que tinha aqui tão gentil defensor, talvez se compadecesse d'elle, que também anda a penar!

Os outros riram ainda mais. O Manuel das Bogalhas, que não era rancoroso, porque era valente, respondeu simplesmente:

—Cada um fala conforme o que sente. Cá para mim tenho, que a rapariga não merece a critica que em toda a aldeia lhe fazem. Ella é senhora de dar o seu coração a quem muito bem lhe parecer. Estamos em tempos de liberdade, e já as filhas não são escravas dos paes; basta que o sejam ainda do marido desde o dia em que casam, em vez de serem uma companheira com igual poder.

Ouvia o velho attentamente, abanando a cabeça, e quando o rapaz acabou de falar, disse:

—Já estas doutrinas dos pedreiros-livres, entraram cá na aldeia!

Todos se tornaram muitos serios. A accusação de pedreiro-livre, entre gente do campo, tem tanta gravidade como a d'alta traição á patria; porque é no fim de contas, de alta traição contra a igreja catholica.

O Manuel comprehendeu logo, quanta hypocrisia e infamia,

se occultava na allusão envenenada do velho, e o seu caracter generoso revoltou-se. Cresceu para o velho e respondeu:

—Eu digo o que penso. Não tenho commercio com pedreiros-livres, nem me consta que os haja na aldeia. Se você não fôr um velho, eu o ensinaria a respeitar mais os novos.

O velho, com um olhar mau, retrucou.

—Queres dizer n'essas tuas palavrinhas mansas, que me chegarias a roupa ao pello, se eu fosse da tua idade?

—Tal qual.

—Sempre ha de querer mostrar, tornou o velho, que és filho de um homem que matou um seu semelhante; mas eu ainda não te disse que tinha medo de ti.

Palavras não eram ditas e já o Manuel, louco de raiva, saltava de um pulo o espaço que o separava do seu interlocutor, e levantando-o no ar pela cintura, arremessava-o com prodigiosa força, a alguns metros de distancia, como quem deita fôr a uma caixa de phosphoros.

Esta scena fô tão rapida que os outros rapazes não tiveram tempo de intervir, e quando correram sobre a victima que jazia estendida e inerte, reconheceram com horror um cadaver.

O velho tinha batido com uma fonte no angulo de uma pedra enorme. A morte fôr instantanea.

Só houve uma phrase entre aquelles rapazes no primeiro momento.

—Fogel fogel! gritaram elles para o Manuel.

O rapaz, porem, parecia pregado ao chão como um bloco de granito, e dos seus labios brancos, saíam estas palavras mal articuladas:

—Estou desgraçado!...

Então um, mais amigo d'elle, chegou-se e sacudiu-o, repetindo-lhe com anciedade:

—Fogel que já não tens muito tempo! já foram chamar as auctoridades!

Mas o Manuel não se mexeu. Então o amigo, agarrou-o com desespero pelo braço e arrastou-o consigo.

A dois minutos de marcha, internaram-se no matto, mas ainda bem não haviam dado dez passos, um vulto levantou-se de sob os pés dos fúptivos, como se sahisse debaixo do chão.

Os dois recuaram vivamente.

—Vi tudo! Segue-me Manuel. E tu, podes-te ir embora.

A pessoa que assim fallava, era a Maria do Rosario.

Os dois rapazes, abraçaram-se pela ultima vez, e o Manuel principiou a caminhar machinalmente ao lado da rapariga. Não trocavam palavra: iam ambos absorvidos nos seus pensamentos.

*

Como succede sempre n'estas cousas, a justiça fez um

grande espalhafato e acabou por não se importar com o caso: primo, porque o assassinado era pobre; secundo, porque o facto se tinha dado n'uma aldeia obscura; tercio, e este era o motivo mais poderoso, porque faltava a materia prima para vingar dignamente a sociedade—faltava o criminoso.

Que fôr feito d'elle?

Tinha embarcado clandestinamente para o Brazil n'um paquete allemão que carregava gente, de graça, entre as ilhas açorianas e os portos do imperio, por conta das sociedades de emigração, brasileiras.

A generosa rapariga que tanto havia resistido a todas as corações inflammados da localidade, apaixonara-se afinal pelo manco, no doce convívio intimo em que a extraordinaria situação os lançara a ambos; e um dia, abalou com elle mysteriosamente, por uma noite sombria, animando-o com o seu olhar de fogo e bafejando-o com o halito perfumado de amante adorada.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



ALMIRANTE JAURÉGUIBERRY